

RECEBA O MILAGRE

TORNAR BELO AQUILO QUE JÁ FOI PREPARADO PARA A BELEZA

Quando ouvi essa frase “...torne belo aquilo que já foi preparado para beleza...” instantaneamente pensei em algo como... “termine de bater essa massa de bolo pra mim.” Pensei na massa de um bolo, porque ali, bem no meio daquela mistura que foi me entregue **pronta**, existem ingredientes de textura, consistência, cor, sabor, aroma, peso, forma, origem, comportamento e até... funções diferentes.

Gostei desse pensamento porque o raciocínio que se seguiu foi... se cada ingrediente não é apenas diferente dos demais, também responde de maneira própria nesse encontro... se Alguém que conhece a receita e já preparou Aquela mistura me convida a terminar de bater Aquela massa, não estaria eu completando um processo já iniciado?

Assim como a falta de fé manterá os teus pequenos reinos desertos e separados, a fé ajudará o Espírito Santo a preparar a terra para o mais santo dos jardins que Ele quer fazer. Pois a fé traz paz e assim invoca a verdade para que ela entre e torne belo aquilo que já foi preparado para a beleza. A verdade segue a fé e a paz, completando o processo de tornar belo que elas iniciam. Pois a fé ainda é uma meta do aprendizado, não mais necessária depois que a lição já foi aprendida. A verdade, porém, permanecerá para sempre. (T-19.1.15)

E se deixássemos de lado a falta de Fé e aceitássemos o convite para completar a nossa participação Naquilo que já foi preparado para a Beleza? Agora, pensando inversamente... e se não tentássemos preparar novamente Aquilo que já nos foi entregue pronto? O que mais poderia acontecer senão o Milagre? E como não ter a certeza de que não existe nada que a Fé não possa perdoar?

Então... qual ilusão, qual imagem, poderia impedir verdadeiramente o cumprimento dessa **missão**? Como os Mensageiros do Amor não fariam aquilo para o que foram enviados?

EXERCÍCIO 13.09.26

Quem são os Mensageiros do Amor?

Aqueles mesmos a quem o ego atribui uma função. Tudo e todos a quem o ego deseja tornar escravos do tempo, do corpo ou de si mesmo. Tudo e todos a quem o ego dá a função da separação.

O Amor é o Nome da Glória de um único Reino. O Amor é a Unidade. E, por isso — apenas por isso —, que deserto poderia mantê-Lo isolado dos Negócios do Pai?

Confie no convite que o Espírito Santo oferece à sua participação. Confie Nele como Alguém que já preparou a mistura. Observe o Propósito que o Espírito Santo dá a esse encontro e aceite fazer parte Daquilo que já está pronto.

FOCO NO MILAGRE

UMA FISSURA NAQUILO QUE MANTÉM O EU COESO

Podemos pensar no ego como um ovo oco? Como uma organização do eu que precise sustentar obstinadamente uma forma externa? Uma forma que, vista de fora, pareça tão impecável quanto inteira? A casca não seria aquilo que o ego oferece como identidade? Tudo aquilo a partir do qual posso dizer “isto sou eu”?

A imagem de um ovo oco se fez para mim recentemente, enquanto pensava sobre a construção de uma ideia de si que precisa ser fabricada e preservada: competente, admirável, superior, indispensável, irrepreensível, autossuficiente, generosa, provedora, lúcida, correta, erudita, sofisticada... ou mesmo particularmente injustiçada, incompreendida ou excepcional em seu sofrimento. Ou ainda... contestadora, transgressora ou orgulhosamente definida por permanecer à margem. Engrandecida ou diminuída... tanto fez como tanto faz... o que importa é que ela adquira a função de manter a integridade deste eu. A integridade da casca. Frágil justamente porque precisa parecer tão impecável quanto inteira, independentemente da maneira particular pela qual essa organização se mostra coerente para si mesma e, portanto, passível de ser confirmada pelos outros.

E o vazio que há dentro?

O vazio pertence à identidade fabricada, não àquilo que somos. A casca pode oferecer uma forma, uma imagem, uma aparência impecável e inteira, mas não o conteúdo capaz de sustentá-la. E se aquilo que diz “isto sou eu” depende da integridade da casca para parecer verdadeiro, quanto mais importante se torna preservá-la, mais ameaçadora será qualquer fissura. E uma casca intacta basta? Para o ego, nada é suficiente... alguém precisa confirmar a sua integridade. É aqui que “aparece” o outro. Na casca? Como algo externo? Não. No vazio.

O outro “aparecerá” inevitavelmente inserido na percepção que julgamos realidade. Fará parte dela e receberá inevitavelmente uma função... confirmar a existência da narrativa fabricada e preservada ao redor do próprio isolamento. Se a casca não pode sustentar por si mesma a aparência de integridade, onde mais iria buscar confirmação? O outro passa a funcionar como uma espécie de conteúdo emprestado... admiração ou desprezo, atenção ou indiferença, desejo ou rejeição, aprovação ou desaprovação, dependência ou independência, cuidado ou negligência, concordância ou discordância, compreensão ou incompreensão, superioridade ou inferioridade, justiça ou injustiça, inclusão ou exclusão. Um banquete para o ego... comparação, julgamento, separação, culpa, medo.

Culpa. Medo. Casca. E se o outro não cumprir aquilo que essa percepção de vazio lhe determina... quem servirá o banquete? O outro é invocado para provar uma aparência de existência... não lhe é permitido existir além da função que lhe foi destinada. Ou então... descarte. Aquele outro não pertence mais à percepção de vazio que antes precisava dele. O ego invocará outro outro. Alguém que aceite o convite para a mesma função.

E o que aconteceria, por um instante, se percebéssemos o outro como o avesso dessa percepção de vazio? Então... aconteceria... como um Milagre, uma fissura na casca.

E se uma casca não for, afinal, uma forma destinada a permanecer intacta? Por que manter a imagem de uma forma intacta sem disposição para transformação? E se aquilo que parecia fragilidade for justamente o que permite interromper a pretensão de impecabilidade e inteireza? Por que é tão, tão necessário preservar a casca se aquilo que somos nunca dependerá das funções que o ego invoca para preservá-la?

E talvez tenha sido daí que se fez o meu exercício luriânico dessa semana... e se, diante de uma fissura, não nos apressássemos em restaurar a integridade do nosso próprio isolamento? E se confiássemos que não existe casca que possa nos manter isolados?

UM PENSAMENTO PARA A SEMANA

NÃO EXISTE VASO QUE CONTENHA AS FLORES DAQUELE JARDIM



2000editions

